



miguilim

revista eletrônica do netll

volume 10, número 1, jan.-abr. 2021

TRANSFORMANDO A HISTÓRIA EM FICÇÃO: ANÁLISE DA OBRA HISTÓRIA DO CERCO DE LISBOA, DE JOSÉ SARAMAGO



TRANSFORMING HISTORY IN FICTION: ANALYSIS HISTÓRIA DO CERCO DE LISBOA, BY JOSÉ SARAMAGO

Karine Cezar ZAPPAZ
Universidade La Salle, Brasil

Sariane Boff DIAS
Universidade La Salle, Brasil

Eduardo Pereira MACHADO
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES
RECEBIDO EM 15/07/2020 • APROVADO EM 12/03/2021
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v10i1.2649>

Resumo

Para melhor entendimento dos gêneros história e ficção, será apresentada a obra *História do Cerco de Lisboa*, de José Saramago, escrita em 1989. Baseada no ocorrido do cerco de Lisboa, de 1147, Saramago mostra a ocorrência de uma simples alteração em um fato

histórico, transformando assim, a história em ficção. No presente artigo, será realizada uma análise da história real e outra da modificação dela que se tornou um romance ficcional, dado pela alteração documental. Após a análise das duas histórias, será feita comparações do que foi alterado entre as duas versões, destacando os aspectos principais, levando em conta a importância dessa abordagem temática no livro que discute bem os cuidados que um revisor de textos deve possuir ao corrigir uma obra com fatos históricos, as consequências de alterar pequenas palavras que modificam todo o rumo da verdadeira história e também até que ponto os fatos históricos realmente são contados com informações verídicas.

Abstract

For a better understanding of the history and fiction genres, José Saramago's *História do Cerco de Lisboa*, written in 1989, will be presented. Based on the 1147 siege of Lisbon, Saramago shows the occurrence of a simple change in a historical fact, thus transforming history into fiction. In the present article, an analysis of the real history and another one of its modification that will become a fictional novel, given by the documentary alteration, will be carried out. After the analysis of the two stories, comparisons of what has been changed between the two versions will be made, highlighting the main aspects, taking into account the importance of this thematic approach in the book that discusses well the care that a proofreader must take when correcting a work with historical facts, the consequences of altering small words that change the whole course of the true story and also the extent to which historical facts really are told with truthful information.

Entradas para indexação

Palavras-chave: História do Cerco de Lisboa. José Saramago. Ficção. Realidade. História.

Keywords: História do Cerco de Lisboa. José Saramago. Fiction. Reality. History.

Texto integral

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

É importante sabermos as consequências da alteração de um documento histórico ou qualquer ocorrência com fatos comprobatórios. O apontamento da história e da memória do ser humano se resulta, em grande parte das vezes, através dos documentos criados pelas atividades desenvolvidas por um determinado grupo, e esses registros passam a ser uma alavanca de informação (MERLO; KONRAD, 2015). Assim, modificar tal registro acaba ocasionando uma imensa quebra de informação na história. Pensando nisso, e para ilustrar esse exercício, realizar-se-á, neste trabalho, uma análise da obra *História do Cerco de Lisboa*, publicada originalmente no ano de 1989 e de autoria de José Saramago, através da história real e a transformação que ocorre na obra que é tornada ficção.

De acordo com Chartier (1990), qualquer documento, seja ele literário ou de outro gênero, é a representação do real que se assimila e não se pode separar de sua realidade de texto construído, elencado de normas únicas de produção particular a cada tipo de escrita, da comprovação que cria “um real” na própria

“historicidade de sua produção e na intencionalidade de sua escrita” (CHARTIER, 1990, p. 62). Nesse sentido, todo tipo de texto possui uma linguagem específica, na qual foi originado, única de um segmento particular de criação. Esta linguagem ocorre considerando dadas normas intrínsecas ao âmbito intelectual de que se expressa, ao veículo em que será veiculada e ao público a que se remete.

Com referência à importância do acontecimento histórico do cerco de Lisboa e da produção literária de José Saramago sobre o assunto, de forma geral, por meio da leitura da obra pode-se compreender a relação entre literatura e história. Em decorrência disso, Martins (2006) analisa que a obra *História do Cerco de Lisboa*, além de comprovar a adaptação do diálogo entre a história e a ficção, integra, por outro lado, um ciclo de romances *saramaguianos* cujo olhar está focado para a terra portuguesa, seu povo e sua história, marcando a defesa da manutenção de uma visão mais crítica e aguda sobre uma sociedade que, aos poucos, após a Revolução dos Cravos, foi se abrindo ao diálogo com o mundo e, acima de tudo, consigo mesma após anos de ditadura.

A partir disso, os destaques a serem observados neste estudo serão a mudança inicial da história, comparação da história real e da ficcional, o motivo dessa mudança de acordo com o livro e o final dado na obra de Saramago após essas modificações. Assim, será possível entender de uma maneira mais clara, a relação da obra ficcional com o fato histórico.

1 HISTÓRIA X FICÇÃO

Como conceito universal, a história é um conjunto de conhecimentos referentes ao passado da humanidade seguida de sua evolução, também conceituada como ciência que estuda eventos passados, que refletem onde estamos inseridos atualmente. Para Le Goff (1990, p. 25), “a história é bem a ciência do passado, com a condição de saber que este passado se torna objeto da história, por uma reconstrução incessantemente reposta em causa”. Ou seja, a história faz com que pessoas que não viveram determinada época possam saber o que ocorreu por meio desse tipo de texto documentado, podendo entender melhor o presente da humanidade com base em fatos históricos que ocorreram anteriormente.

Para registros destes fatos históricos, existem os historiadores. O historiador não sabe exatamente de tudo o que aconteceu no passado, por esse motivo, ele precisa reunir o maior número possível de informações que irá ajudá-lo a formar e reconstituir os fatos documentais, lembrando que ele só pode afirmar algum marco se tiver como prová-lo. Com isso, apenas o historiador ético será capaz de estabelecer e formar conexões dos acontecimentos passados com os atuais, pois “o sujeito histórico, que se configura na inter-relação complexa, duradoura e contraditória entre as identidades sociais e as pessoais, é o verdadeiro construtor da História” (BEZERRA, 2010, p. 45).

A história se constitui em diversas histórias dentro de determinados contextos sociais, culturais, que envolvam o tempo cronológico e espaço acerca das fontes e dos documentos históricos que são gerados e utilizados para outros registros. Já a ficção é conceituada como ato ou efeito de fingimento. Dentro do contexto que se está tratando, a ficção é a elaboração e criação do imaginário,

através de fantasias diversas, ou seja, a transformação do real para algo inexistente, uma adaptação. Neste sentido, analisa Saer (2012, p. 3):

A ficção não é, portanto, uma reivindicação do falso. Mesmo aquelas ficções que incorporam o falso de um modo deliberado – fontes falsas, atribuições falsas, confusão de dados históricos com dados imaginários etc. –, o fazem não para confundir o leitor, mas para assinalar o caráter duplo da ficção que mistura, de uma forma inevitável, o empírico e o imaginário.

Conforme Jubilado (2000), Saramago recorda de forma crítica, a história oficial, tendo conhecimento da lacuna que existe entre o desejo de reconstruir o passado e a inverossimilhança real de consegui-lo completamente. Logo, na obra *História do Cerco de Lisboa*, uma de suas intenções é a de transformar a história em ficção e mostrar as possibilidades existentes nessa ocorrência.

1.1 OCORRIDO DO CERCO DE LISBOA

De acordo com estudos de Redu (2015), o acontecimento do cerco de Lisboa, em Portugal, teve início no dia 01 de julho de 1147 e durou até 21 de outubro do mesmo ano. Ainda, de acordo com a autora, esse marco histórico integrou vitória cristã da Península Ibérica, que ganhou na batalha a posse da cidade de Lisboa, que havia sido tomada pelos mouros anteriormente, sendo retomada pelas forças de D. Afonso Henriques (1109 – 1185). Afonso I, como também era chamado, consciente do desafio, iniciou a tomada das terras com a realização de um cerco – pouco tempo depois da conquista de Santarém –, tendo o auxílio do exército dos Cruzados que estavam a caminho para o Médio Oriente naquele período, com o objetivo de chegar até a Terra Santa.

Para o início do ataque, tiveram como estratégia as forças portuguesas prosseguirem por terra e os cruzados por mar, se infiltrando na foz do rio Tejo. Após os violentos combates, os mouros foram cercados e dominados pelos cristãos portugueses e os auxiliares cruzados. Os muros onde os mouros se encontravam abrigados, a princípio, eram suficientes. Em decorrência disso, semanas se passavam e a contínua troca de atentados de projéteis sobre os defensores continuavam e o número de mortos e feridos estava aumentando em ambos os lados.

Iniciando o último mês para o fim do cerco, os trabalhos pensados referentes à muralha tiveram sucesso na derrubada de uma parcela da construção, abrindo uma brecha por onde os mouros se lançaram, corajosamente protegida por vários defensores. Já nesse momento, uma torre de madeira construída pelos mouros foi aproximada da muralha, permitindo o acesso ao caminho estreito sobre os muros. Diante dessa situação, na aproximação de um assalto cristão em duas frentes, os cercados mouros, enfraquecidos pelas desordens, pela fome e pelas doenças, cederam no dia 20 de outubro, porém, somente no dia seguinte, o soberano português e suas forças entraram na cidade ganha.

Após o ocorrido, alguns dos cruzados que participaram do cerco estabeleceram-se na cidade de Lisboa após a tomada. Por fim, conforme Azevedo (2012, p. 71): “A conquista de Lisboa foi mais do que a simples conquista de uma

cidade. A sua estratégia foi planeada com precisão, com antecedência e com cuidado, de modo a garantir o êxito [...]”. Em 1255, Lisboa torna-se capital de Portugal.

1.2 HISTÓRIA DO CERCO DE LISBOA (1989)

A obra criada por José Saramago, que é narrada em 3ª pessoa, conta um fato ocorrido com o personagem Raimundo Benvindo Silva, um bom e renomado revisor de textos, que recebe como trabalho revisar um livro sobre a história do cerco de Lisboa. Durante a trajetória da revisão, Raimundo acaba frustrado com alguns erros absurdos não notados pelo historiador, sendo muitos deles de anacronismo. Logo, o revisor acaba cometendo propositalmente um erro.

Após a noite de leitura com muitas falhas, Raimundo fica aflito e acrescenta a palavra “não” a uma frase e, por esse motivo, acaba alterando o fato histórico, fazendo com essa alteração, que os cruzados não ajudassem os portugueses a tomar Lisboa – fator que, na história, é crucial e decisivo para conquistar o cerco dos mouros. Raimundo envia o texto à editora para poder ser impresso, já que havia sido solicitado prioridade na revisão. Assim que o erro é descoberto, a editora resolve o problema acrescentando uma errata nos exemplares e não o demite, porém contratam uma mulher para ser responsável da revisão de todos os revisores da editora, Maria Sara.

Maria Sara tenta entender o motivo daquele erro cometido por Raimundo, já que ele não conseguiu justificar o feito, mesmo todos sabendo que não foi um erro de descuido e sim proposital. Por isso, ela acaba incentivando o revisor a reescrever aquele acontecimento da história de Portugal. Raimundo, com certo interesse pela personagem, se anima com a ideia e resolve reescrever essa história, transformando em uma ficção. Durante esse meio tempo, Raimundo reescreve a história e também inicia um relacionamento amoroso com Maria Sara.

Raimundo cria personagens para seu romance, incluindo como protagonista um soldado chamado Mogueime – esse personagem foi real na história de Portugal, porém sem destaque quando participou da Tomada de Santarém –, que se destaca nas lutas, é guerreiro e bondoso. Mogueime apaixonou-se por Ouroana – outra personagem criada para sua história. Essa história amorosa criada por Raimundo se assemelha à história dele com Maria Sara, já que compara um simples soldado que nunca será um capitão, assim como ele é um revisor que nunca será um escritor, também fazendo relação com Ouroana e Maria Sara, pois ambas eram desejadas e poderosas.

Por fim, Raimundo consegue terminar de escrever sua ficção, não alterando completamente o final histórico – que foi a vitória dos portugueses –, apenas os percursos e inclusão de personagens – como a entrada de Mogueime, Ouroana e outros. Assim, Raimundo em sua obra, deu ênfase narrativa à pessoas que geralmente não são valorizadas.

1.3 O INÍCIO DA FICÇÃO

Como citado, na obra de Saramago, o autor traz à tona um revisor de textos que acaba realizando a alteração de um livro de história, gerando uma errata na

publicação e uma vigia em suas revisões. Além disso, há uma severa crítica inicial referente ao trabalho dos revisores de texto, principalmente, no seu pensamento de que tudo é considerado literatura:

Recordo-lhe que os revisores são gente sóbria, já viram muito de literatura e vida, O meu livro, recordo-lho eu, é de história, Assim realmente o designariam segundo a classificação tradicional dos géneros, porém, não sendo propósito meu apontar outras contradições, em minha discreta opinião, senhor doutor, tudo quanto não for vida, é literatura, A história também, A história sobretudo, sem querer ofender. (SARAMAGO, 2014, p. 5).

O personagem revisor, com certos conhecimentos ampliados sobre a história, percebe muitos erros no decorrer da correção, tais como: um personagem da história (Almuadem) não ser citado como cego; um erro no calendário; característica da bandeira de Portugal muito atualizada para a época e diversos outros erros. Conforme o revisor ia lendo o que havia sido escrito pelo historiador, mais revoltado ele ficava com as incoerências presentes na história.

Raimundo Silva, frustrado com diversos erros de anacronismo constantes na narrativa realizada pelo historiador, acaba se sentindo entediado e enfurecido com a obra e até com o autor. Por isso, acrescenta uma simples palavra, “NÃO” no meio de uma afirmação importante na história real do cerco:

[...] é evidente que acabou de tomar uma decisão, e que má ela foi, com a mão firme segura a esferográfica e acrescenta uma palavra à página, uma palavra que o historiador não escreveu, que em nome da verdade histórica não poderia ter escrito nunca, a palavra Não, agora o que o livro passou a dizer é que os cruzados Não auxiliarão os portugueses a conquistar Lisboa, assim está escrito e portanto passou a ser verdade, ainda que diferente, o que chamamos falso prevaleceu sobre o que chamamos verdadeiro, tomou o seu lugar, alguém teria de vir contar a história nova, e como. (SARAMAGO, 2014, p. 28).

Após esse ocorrido, são geradas as consequências pelo erro e, em seguida, o incentivo de Maria Sara para realizar uma ficção a partir da negação da ajuda dos cruzados aos portugueses. Para isso, Raimundo optou pela mudança do discurso de D. Afonso Henriques, para que em sua ficção o “NÃO” se mantivesse e possuísse algum motivo para isso.

1.4 COMPARANDO O DISCURSO DO REI DE PORTUGAL

Ao serem analisadas as duas escritas do discurso do rei de Portugal, D. Afonso Henriques, é notável que a escrita real coletada da Carta de um cruzado inglês de 1989 – e também citada na obra de Saramago –, possui a formalidade presente, com grande firmeza e entendimento. Esse fato causou estranheza e desconfiança para o personagem Raimundo, que diz que o discurso não é uma obra de rei, principalmente que não possui excessiva experiência diplomática, dando a

entender a leve percepção de crítica dada à história real que, por certas vezes, também é modificada como qualquer outra história ficcional:

Sabemos bem, e temos diante dos olhos, que vós haveis de ser homens fortes, denodados e de grande destreza, e, em verdade, a vossa presença não diminuiu à nossa vista o que de vós nos dissera a fama. Não vos reunimos aqui para saber o quanto a vós, homens de tanta riqueza, seria bastante prometer para que, enriquecidos com as nossas dádivas, ficásseis conosco para o cerco desta cidade. Dos mouros, sempre inquietados, nunca pudemos acumular tesouros, com os quais acontece algumas vezes não se poder viver em segurança. Mas, porque não queremos que ignoreis os nossos recursos e quais as nossas intenções para convosco, entendemos que nem por isso deveis desprezar a nossa promessa, pois consideramos como sujeito ao vosso domínio tudo o que a nossa terra possui. (OSBERNO, 1989, p. 37).

Em sua ficção, Raimundo Silva utiliza de originalidades na mudança do discurso que foi o ápice do desvio da história verdadeira. Percebe-se o tom irônico e o uso de metáforas constantes. Para o personagem, a escolha da mudança do discurso foi primordial para a decisão dos cruzados não auxiliarem os portugueses, visto que D. Afonso Henriques não ofereceria nada a eles em troca da ajuda e, conforme suas experiências como revisor, o discurso era muito importante na época, principalmente vindo dos supremos ao darem ordens, notícias e outros:

Nós cá, embora vivamos neste cu do mundo, temos ouvido grandes louvores a vosso respeito, que sois homens de muita força e destros nas armas o mais que se pode ser, e não duvidamos, basta pôr os olhos nas robustas compleições que ostentais, e quanto ao talento para a guerra fiamo-nos no rol dos vossos feitos, tanto no religioso como no profano. Nós cá, apesar das dificuldades, que tanto nos vêm do ingrato solo como das várias imprevidências de que padece o espírito português em formação, vamos fazendo o possível, nem sempre sardinha nem sempre galinha, ainda por cima tivemos a pouca sorte de nos terem cabido estes mouros, gente de escassa riqueza, se vamos a comparar com Granada e Sevilha, por isso mais vale tirá-los daqui duma vez para sempre, e neste ponto é que se levanta uma questão, um problema, que passo a submeter ao vosso critério, e que é o seguinte, [...] Ninguém melhor ajuda o pobre que o pobre, enfim, falando é que a gente se entende vocês dizem quanto levam pelo serviço, e a gente logo vê se pode chegar ao preço. (SARAMAGO, 2014, p. 87-88).

Conforme ditos do próprio personagem Raimundo: “é assim que se arranjam os equívocos históricos, Fulano diz que Beltrano disse que de Cicrano ouviu, e com três autoridades dessas se faz uma história [...]” (SARAMAGO, 2014, p. 25). Logo, com essa afirmação, pode-se perceber a crítica presente na obra *História do Cerco de Lisboa* referente à veracidade do que é contato nas histórias.

1.5 A FICÇÃO NO CERCO DE LISBOA E O DESFECHO

Após conseguir pensar no início para mudança da história do cerco de Lisboa, Raimundo resolve seguir o mesmo caminho da história, porém acrescentando um romance entre Mogueime e Ouroana. É perceptível que o revisor Raimundo usa os dois personagens refletidos de sua relação amorosa com Maria Sara, pois compara-se a um simples soldado e ela a uma bela mulher que talvez nunca se interessasse por alguém como ele, o que é evidenciado no diálogo entre os dois ao debaterem sobre os personagens:

Tal como ele nunca virá a ser capitão, eu nunca serei um escritor, E tens medo de que Ouroana vire as costas a Mogueime quando descobrir que nunca será mulher de um capitão, Tem-se visto, Contudo, essa Ouroana viveu vida melhor quando estava com o cavaleiro, e agora quis Mogueime, suponho que ele a não forçou, Não estou a falar de Ouroana, Estás a falar de mim, bem o sei, mas o que dizes não me agrada, Calculo, Dure esta relação o que durar, quero vivê-la limpamente, gostei de ti pelo que és, presumo que o que sou não te impede de gostares de mim, e basta [...]. (SARAMAGO, 2014, p. 213-214).

Além de envolver uma relação amorosa na ficção, Raimundo consegue realizar certas modificações de como foi feita a tomada do cerco. Porém, não mudando a essência e final da história: a vitória dos portugueses contra os mouros, tendo como desfecho da história do cerco, e como o final do enredo de Saramago:

São três horas da madrugada. Raimundo pousa a esferográfica, levanta-se devagar, ajudando-se com as palmas das mãos assentes sobre a mesa, como se de repente lhe tivessem caído em cima todos os anos que tem para viver. [...] Acabaste, e ele respondeu, Sim, acabei, Queres dizer-me como termina, Com a morte do almuadem, E Mogueime, e Ouroana, que foi que lhes aconteceu, Na minha ideia, Ouroana vai voltar para a Galiza, e Mogueime irá com ela, e antes de partirem acharão em Lisboa um cão escondido, que os acompanhará na viagem, Por que pensas que eles se devem ir embora, Não sei, pela lógica deveriam ficar, Deixa lá, ficamos nós. (SARAMAGO, 2014, p. 226).

Assim, por mais que Raimundo tenha colocado o “NÃO”, quando reescreveu a história tornando-a ficção, ele não modificou o final, os portugueses continuaram vitoriosos. No entanto, ele procurou modificar aspectos que em sua visão, como revisor, eram mais importantes e verídicos de terem acontecido.

1.6 O CERCO HISTÓRICO E O CERCO FICCIONAL

Conforme Paiva (2008), a ajuda prestada pelos cruzados que estavam a caminho para a Palestina, a Afonso Henriques, no seu objetivo de conquistar Lisboa, não traz nada de novo, a não ser num aspecto essencial: esta corrente

pontual de apoio para os inimigos dos portugueses serve cada vez mais para confirmar a existência de um novo reino em construção, que busca se alinhar com os seus rivais e irmãos ibéricos. A conquista do cerco de Lisboa é apenas mais uma etapa nesse percurso de emancipação política dos portugueses.

De certo modo, se for pensado que o “NÃO” dado na ficção para negar a ajuda aos portugueses cristãos, provavelmente não teria o mesmo desfecho que na história – mesmo que lá uma pequena parcela de cruzados tenha aceito batalhar contra os mouros –, pois o número de cruzados era maior que o de portugueses e, se somados aos mouros seria equivalente, conforme a história real. Como dito na obra, sem o auxílio dos cruzados, que já estavam indo a seu destino pelo mar a fora, o revisor Raimundo Silva se viu privado pelo peso militar desses doze mil soldados a menos em que tinham depositado tantas esperanças, restando, apenas, aproximadamente, não mais do que tantos poucos portugueses, em um número insuficiente para realizar o cerco numa frente contínua como o planejado.

Sendo assim, a veracidade dos fatos documentais que comprovam que os cruzados realmente ajudaram os portugueses foi crucial nesse período, mesmo que na ficção tenha ocorrido o desfecho com a vitória dos portugueses, já se tornando ficcional por esse simples motivo da retirada dos personagens importantes na história do cerco. Além disso, não se pode negar a relevância que os cruzados causaram nas demais ocorrências verdadeiras e, de modo geral, a retirada de qualquer personagem participativo da história – não só a do cerco de Lisboa – acaba tornando-se uma ficção pela mudança do rumo real.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ser comparada as duas versões da História do cerco de Lisboa, tanto a história real, como a ficcional escrita por Saramago, pode-se perceber que o desfecho foi o mesmo: os portugueses foram os vitoriosos. Com isso, percebe-se que a intenção de Raimundo ao acrescentar o “NÃO” ao fato histórico, não era para mudar o final da história, mas sim para chamar a atenção devido aos outros erros cometidos pelo historiador ao longo da narrativa do fato histórico.

Saramago, com a criação da obra *História do Cerco de Lisboa*, faz uma crítica muito forte à veracidade dos fatos que são contatos referente à história. Ou seja, até que ponto o que foi contato pelos historiadores realmente aconteceu, pois na trama Raimundo percebe que o que seria a narração de uma história que realmente havia acontecido, tinha vários erros. Logo, o que estava sendo dito pelo historiador, não havia realmente acontecido.

Comparando as duas versões, nota-se que Saramago dá voz na versão de Raimundo à personagens, que geralmente, não possuem tanta importância nas narrativas. Essa é uma característica da escrita do autor: ele procura dar voz aos que são menos favorecidos.

Logo, a intenção de Saramago de trazer a ficção para essa obra foi uma boa maneira de destacar a importância de não modificar documentos históricos, porém trazer o viés de que tudo que é modificado acaba se tornando ficção e que tudo pode ser transformado. Como já dizia o revisor Raimundo: “[...] tudo quanto não for vida, é literatura, A história também, A história sobretudo, sem querer ofender [...]” (SARAMAGO, 2014, p. 5).

Referências

AZEVEDO, Ana Isabel Vale-Viga de. *As representações das conquistas cristãs*: Lisboa (1147) e Silves (1189). 2012. 194 f. Dissertação (Mestrado em Portugal Islâmico e o Mediterrâneo) – Universidade do Algarve, Faro, 2012. Disponível em: https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/8413/1/As_representacoes_das_conquistas_cristas.pdf. Acesso em: 05 mar. 2021.

BEZERRA, Holien G. Estudo de história: conteúdos e conceitos básicos. In: KARNAL, Leandro (Org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 6. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2010. p. 37-48.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

JUBILADO, Maria Odete Santos. *Saramago e Sollers: uma (re)escrita irônica?* Lisboa: Vega, 2000.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MARTINS, Adriana Alves de Paula. *A construção da memória da nação em José Saramago e Gore Vidal*. Frankfurt: Peter Lang Europäischer Verlag der Wissenschaften, 2006.

MERLO, Franciele; KONRAD, Gláucia Vieira Ramos. Documento, história e memória: a importância da preservação do patrimônio documental para o acesso à informação. *Informação & informação*, Santa Maria, v. 20, n. 1, p. 26-42, 2015.

OSBERNO. *Conquista de Lisboa aos mouros em 1147*: Carta de um cruzado inglês. Lisboa: Livros Horizonte, 1989.

PAIVA, Marcel. Cruzada e Reconquista: as duas faces da conquista de Lisboa em 1147. *Medievalista*, Lisboa, n. 5, p. 1-9, 2008.

REDU, Iarima Nunes. *Os muitos cercos de Lisboa: a reconfiguração ficcional do intertexto historiográfico em História do cerco de Lisboa de José Saramago*. 2015. 189 f. Dissertação (Mestrado em Literaturas Portuguesa e Luso-Africanas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/131573>. Acesso em: 05 mar. 2021.

SAER, Juan José. O conceito de ficção. *FronteiraZ*, São Paulo, n. 9, p. 320-325, 2012.

SARAMAGO, José. *História do Cerco de Lisboa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Para citar este artigo

ZAPPAZ, Karine Cezar; DIAS, Sariane Boff; MACHADO, Eduardo Pereira. Transformando a História em Ficção: análise da obra *História do Cerco de Lisboa*, de José Saramago. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 10, n. 1, p. 259-269, jan.-abr. 2021.

Karine Cezar Zappaz é graduanda do Curso de Letras Português e Literaturas da Língua Portuguesa da Universidade La Salle. **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0003-3651-2430>.

Sariane Boff Dias é graduanda do Curso de Letras Português e Literaturas da Língua Portuguesa da Universidade La Salle. **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0003-3046-823X>.

Eduardo Pereira Machado é doutorando em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mestre em Letras pelo Centro Universitário Ritter dos Reis (2009), especialista em Ensino de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Luterana do Brasil (2005) e licenciado em Letras pela mesma Universidade (2003). Além disso, cursou a parte curricular do doutorado em Estudos Clássicos na Universidade de Coimbra, o que lhe conferiu, pela universidade portuguesa, o diploma de Especialização Avançada em Estudos Clássicos. Atualmente é Professor do Colégio Leonardo da Vinci – Gama e do Colégio Leonardo da Vinci – Beta. Neste último, também atua como coordenador de Língua Portuguesa. Tem experiência na área de Letras (do Ensino Fundamental à Pós-graduação), atuando principalmente nos seguintes temas: leitura, língua portuguesa, produção de textos, literatura, história, ensino e tragédia grega. **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0003-3485-1949>.